

1 as **DE**
Jornadas

**Cerâmica Medieval
e Pós-medieval**

métodos e resultados para o seu estudo

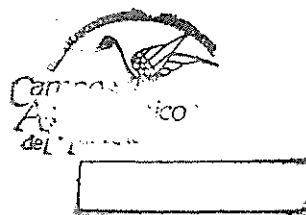
separata



Tondela • 28 a 31 de Outubro de 1992

O espaço familiar e formas de habitar no Garb al Andaluz

Cláudio TORRES *



Résumé

L'habitat du *Garb Al Andalus* peut avoir deux formes: l'une urbaine l'autre rurale. Les maisons de l'époque almohade trouvées dans la forteresse de Mértola sont des structures urbaines de tradition méditerranéenne avec une typologie commune à tout l'*Al Andalus*. A l'intérieur, les différentes divisions, s'organisant autour d'une cour centrale (hall d'entrée, cuisine, latrine et autres salles), possèdent un système de canalisations très développé et paraissent s'articuler entre elles pour former des unités plus grandes destinées à une famille élargie. De son côté, Alcaria Longa présente des structures rurales dans lesquelles divers modules à fonctions multiples s'articulent sur un ou deux côtés de cours moins bien délimitées. Un sous-groupe de ce modèle rural, plus petit, existe dans les espaces péri-urbains sous l'aspect de quelques maisons très souvent aménagées sur les ruines d'anciennes villas romaines.

1. ESPAÇO URBANO

O espaço intra-muros da antiga cidade islâmica de Mértola divide-se em duas grandes zonas urbanas: o aglomerado principal, constituído pela Vila Velha, ainda hoje habitada e um antigo bairro anexo à alcáçova que assentava na plataforma artificial do possível «forum» romano e que foi completamente abandonado e transformado em cemitério depois da «Reconquista». Na Vila Velha, as casas actuais, respeitando apenas o antigo traçado urbano, em nada se assemelham, na sua organização interna, às anteriores casas de época islâmica exumadas mesmo ao lado, no bairro da Alcáçova, ou em Siyasa perto de Múrcia (Navarro, 1990: 177-198), em Pechina – Almeria (Galdeano, 1990: 111-127) ou em Valência (Pascual, 1990: 305-318). Mesmo ao nível do solo, todos os indícios arquitectónicos e decorativos apontam claramente para obras de raiz durante os séculos XV e XVI. Os terramotos, sempre incriminados, não foram certamente as causas principais de tão profunda reconstrução.

No bairro da Alcáçova, com programa construtivo de época almoada e abandonado durante a primeira metade do séc. XIII, os primeiros resultados da escavação indicam, ao contrário, tipologias comuns a todo o Andalus. É um

conjunto urbano com cerca de 4.000 metros quadrados, onde estariam implantadas um pouco mais de três dezenas de habitações (fig. 1, ver página seguinte). Foram postas a descoberto sete casas, duas das quais estão completas e são perfeitamente legíveis na sua planimetria. Ainda eram habitadas pelo menos uma dezena de anos antes de 1238 quando os Espatários entraram em Mértola.

Apesar de notórias diferenças sociais, nas duas porções deste bairro já conhecidas, todos os compartimentos de cada moradia se organizam em volta de um pátio mais ou menos quadrangular. É o tipo de habitação tipicamente urbana e mediterrânica que, na sua geometria espacial e técnicas construtivas, encontramos em todas as cidades do al Andalus (fig. 2). Em Mértola, Almeria ou Málaga, nota-se o mesmo tipo de embasamento em alvenaria sobre o qual se levantam paredes de taipa sempre com a espessura aproximada de meio metro. Os tabiques interiores em adobes, as técnicas de rebocagem e a própria decoração policroma assemelham-se nas três cidades. São habitações construídas e habitadas por uma camada social aparentemente homogénea, com interesses comuns e com frequentes contactos entre si. É um modelo de casa veiculado por todo o Mediterrâneo e que, com pequenas variações modulares, se impôs não só pela suas qualidades intrínsecas, como também pela sua elasticidade funcional.

* *Campo Arqueológico de Mértola*

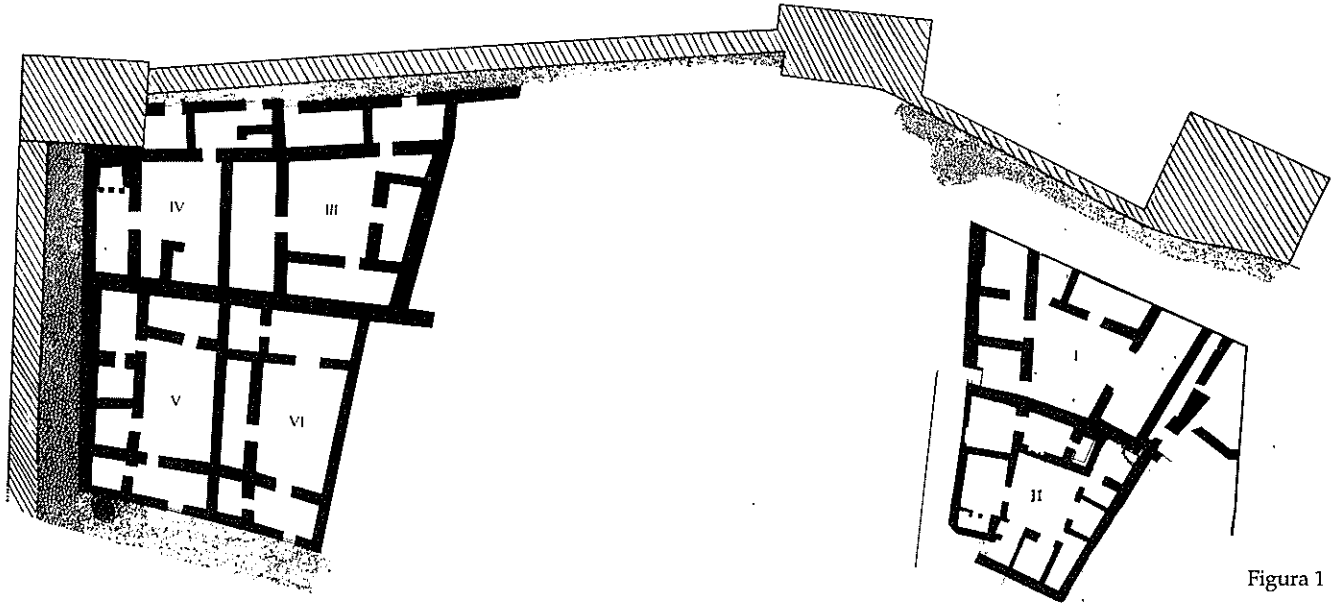


Figura 1

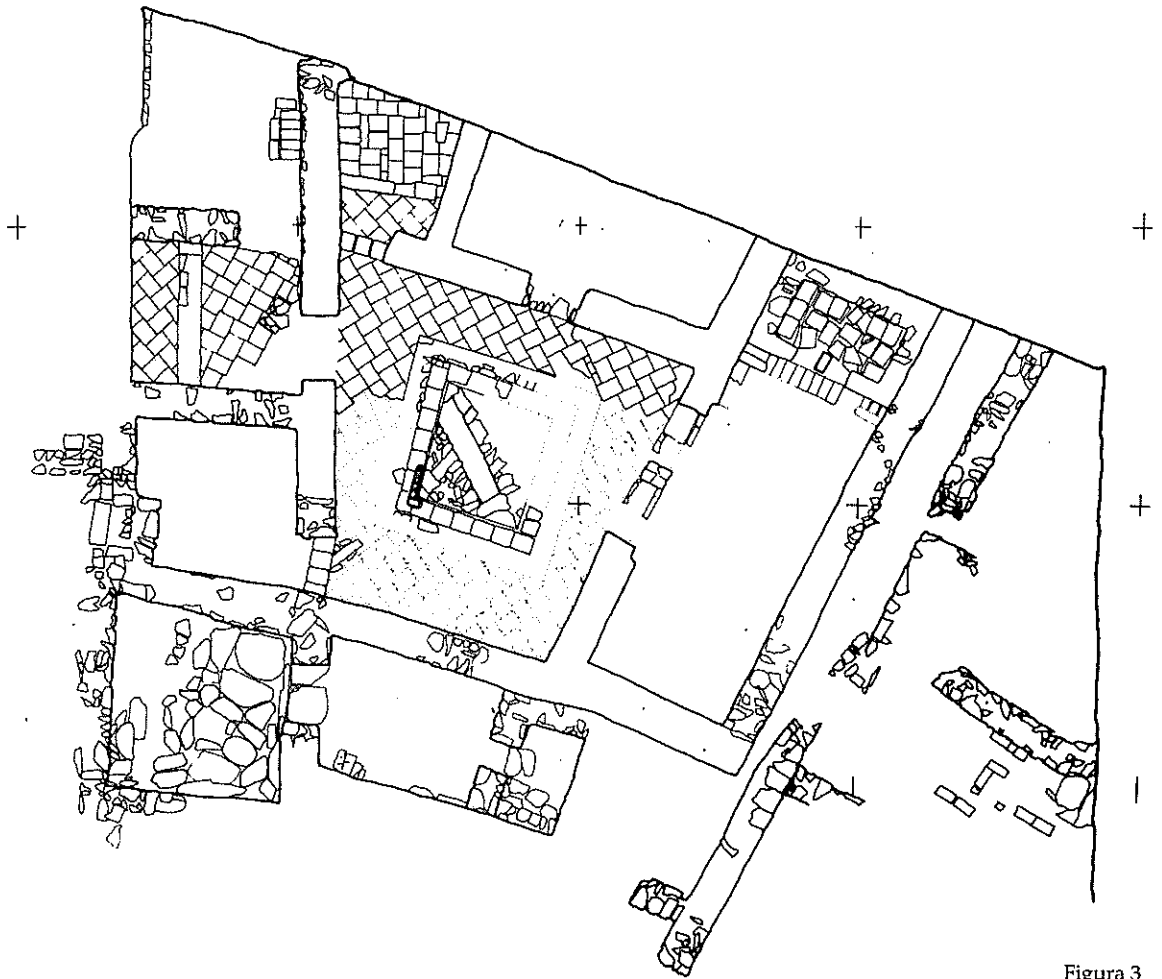


Figura 3

Figura 2



2. A CASA I DA ALCÁÇOVA DE MÉRTOLA

Neste bairro da Alcáçova que à data da conquista da cidade em 1238, ocupava o espaço do antigo *forum* romano e a encosta do castelo, a tipologia do habitat e as técnicas construtivas são bem características da época almoada.

A casa 1, como antes referimos, é uma das duas habitações deste conjunto que, neste momento garante uma legibilidade completa do ponto de vista planimétrico e para a qual se podem avançar hipóteses de utilização funcional plausíveis (fig. 3, ver página anterior).

A área total desta casa ronda os 70 m², com um pátio central que ocupa uma quarta parte da sua área. Tinha-se acesso a esta casa por um pequeno adarve, de piso em terra batida. O local de entrada na casa é assinalado por um fragmento de fuste romano em mármore reutilizado como soleira de porta, hábito que parece ser usual nos locais onde abundam fragmentos arquitectónicos de épocas anteriores. A entrada da casa parece, no entanto, ter merecido outro tipo de atenção para além das preocupações estéticas: a meia-ferradura (ou *canelo* na linguagem regional) voluntariamente enterrada sob a soleira desta porta remete-nos para o mundo das superstições e da protecção ao lar, prática ainda hoje corrente nesta região.

A porta dava acesso a um pequeno compartimento de entrada (com cerca de 5 m²), através do qual se passava ao pátio – esquema semelhante às casas 3 e 4 de Pechina (Castillo, 1990: 120) ou às habitações 5 e 6 de Cieza (Navarro, 1990: 190-191).

No pátio ainda hoje é visível a parte significativa de um pavimento em tijoleira, organizado de forma regular e ligeiramente inclinado em direcção a uma espécie de canteiro central onde uma pequena caleira escoava as águas pluviais (fig. 4). A área deste pátio – com cerca de 20 m² – é semelhante à de idêntica estrutura das casas II e III da alcáçova de Mértola e tem dimensões também próximas daquelas que se registam noutros sítios arqueológicos peninsulares.

O espaço significativo da casa ocupado pelo pátio – cerca de uma terça parte – permite supor o lugar de destaque que este ocupava no complexo habitacional e a sua importância como local privilegiado para executar uma série de trabalhos domésticos e de lazer.

O pátio dava acesso, no lado Este, a um salão principal, ao qual se acedia por uma porta mainelada por uma

Figura 4



pilastra. Esta divisão seria, pelas suas dimensões (6x2 m) e por um maior cuidado na decoração das paredes e no revestimento do solo com argamassa pintada de almagre – a zona nobre da habitação. Embora fosse uma área pluri-funcional, era certamente nela que se recolhiam os donos da casa – a pequena alcova (2x1,5 m) colocada no seu topo Norte parece não deixar dúvidas a esse respeito. A utilização deste tipo de estruturas parece ter sido comum nas várias habitações do bairro islâmico: temo-las também nas casas II e IV, com soluções decorativas e construtivas idênticas às deste compartimento.

Do pátio tinha-se ainda acesso a outra dependência, certamente de funções múltiplas, onde se encontraram duas talhas de grande porte. Uma delas, pelo menos, teria sido utilizada para guardar água fresca devido ao facto da parte inferior do bojo não ser vidrada de forma a manter intacta toda a sua porosidade (fig 5).

Esta casa dispunha ainda de uma latrina (3,5 m²), compartimento cuidadosamente ladrilhado, no qual se entrava por uma pequena passagem em cotovelo. Os despejos eram lançados por uma estreita fenda aberta no

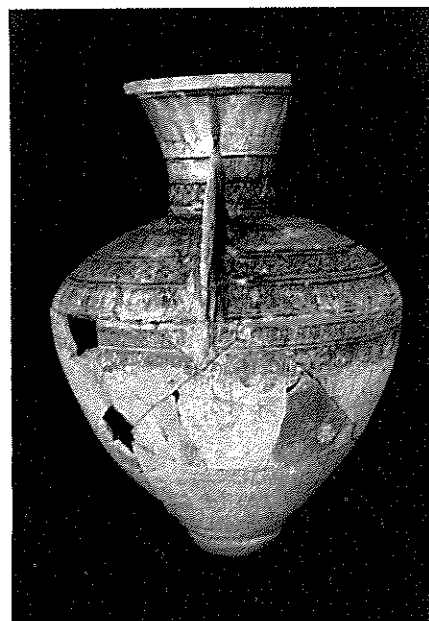


Figura 5

pavimento. Ao contrário da latrina da casa V, que dava acesso directo a uma fossa escavada sob o chão batido da rua, esta abertura está ligada a um complexo sistema de canalizações que percorre o sub-solo das casas I e II e segue para o exterior da muralha. O seu cano principal cruza na diagonal o pátio da casa I onde recolhia o excesso de águas pluviais do pátio e os resíduos líquidos provenientes de um possível estábulo anexo.

Entra-se finalmente na última porta que do espaço central acede ao compartimento duplo da cozinha, o qual tem cerca de 11,5 m². As dimensões apreciáveis deste compartimento não são, certamente, dissociáveis da sua importância no contexto da habitação no seu todo (fig. 6).

Todos os compartimentos eram cobertos por telhados de uma só água que, na sua maioria, vertiam para o pátio. Todas as paredes exteriores nas quais se incluem naturalmente as que rodeiam o pátio têm alvenaria de barro até 70 cm do solo. A partir dessa altura e depois de um ligeiro estreitamento em ressalto, as paredes passam a ser construídas em terra apisoada (*taipa*) com uma largura uniforme de 50 cm ou seja, o equivalente ao *côvado* clássico (fig. 7).

As paredes interiores, quando não têm função portante, são construídas em tijolos crus e secos ao sol (*adobes*) de 15x15x6 cm. Ao contrário da *taipa* que embora bem apisoada, é constituída por terra pouco seleccionada, os *adobes* são fabricados de argila bem depurada. Todas as pare-

Figura 6



Figura 7



des de alvenaria, taipa ou adobe, eram rebocadas directamente com um barro mais fino sobre o qual depois de seco, era aplicado um revestimento de cal e saibro fino. Esta argamassa matricial era muitas vezes golpeada à colher com pequenos sulcos oblíquos de forma a servir de suporte à última película de revestimento com uma espessura de 4 mm em média, constituída por cal e gesso. Este estuque macio era pintado com uma aguada vermelha de *almagre*, segundo motivos rectilíneos, ao longo do rodapé.

A família extensa urbana exige constantes adaptações, não só na casa propriamente dita, como principalmente na célula urbana em que está inserida e que vulgarmente é servida por uma pequena rua privada (*darb*), para onde abrem outras habitações que, teoricamente, pertencem ao mesmo clã familiar. Cada casa parte de um conjunto solidário, com alguns serviços comuns como os esgotos e fossas e com uma área útil entre os 80 e os 200 metros quadrados. Têm capacidade para ser portadoras de sub-núcleos familiares de 8 a 10 pessoas.

A investigação arqueológica do bairro da Alcáçova de Mértola, tem permitido constatar que a cozinha é sempre o espaço da casa a fornecer maior quantidade e variedade de artefactos cerâmicos. Em prateleiras escavadas nas grossas paredes de taipa, seria guardada toda a louça necessária à elaboração dos alimentos, e também os recipientes necessários ao seu consumo (fig. 8). Lá vamos encontrar, entre a louça enegrecida pelo fogo, vários tipos de panelas de barro grosseiro e resistente, cujo único ponto comum é o facto de terem sempre o fundo convexo para melhor se aconchegar ao borralho, e onde seriam cozinhadas praticamente todas as refeições. Os alimentos eram longa e lentamente cozidos, inclusive os ossos, para deles ser extraído o máximo benefício. Estes cozidos ou guizados, equivalentes à *tagine* actual norte-africana, onde nunca falta grão de bico, fava ou lentilhas e abundante quantidade de legumes da época, foram certamente o alimento mais comum de todos os dias. Em épocas festivas,



Figura 8

o seu conteúdo seria melhorado adicionando-lhe alguma carne de borrego ou carneiro, que era de longe a mais apreciada ou, na sua falta, de coelho ou galinha. As panelas apropriadas para este cozinhado tinham uma boca mais larga cuja tampa perfurada permitia uma lenta saída do vapor. O caldo da cozedura era muitas vezes acrescentado para elaborar uma outra comida popular e ainda hoje muito comum no Alentejo que é a *açorda*. Era então chamada de *tarid* ou *tarida* e preparava-se com pedaços de pão mígados num caldo mais ou menos enriquecido com gorduras animais ou simplesmente com azeite e ervas aromáticas. (Garcia Sánchez, 1981: 169). Utilizando também o pão como base, e a frigideira como recipiente (fig. 9), elaborava-se a *harisa* – equivalente às *migas* actuais – em que pedaços de pão eram amassados com carne picada e gordura para serem fritos em azeite (Garcia Gomez, 1981: 137). Desta dieta alimentar ficou-nos também uma teimosa tradição na nomenclatura de vários petiscos, os *acepipes* (do árabe *al-zabid*) que passam, por exemplo, pelo sabroso *escabeche* (do árabe *sikbay*) e pelas condimentadas *almôndegas* (*al - bandaqa* em árabe).

Para comer, havia sempre várias tigelas vidradas, maiores ou menores conforme fosse o número de convivas (fig. 10). Porém uma apenas era colocada ante os comensais sobre uma esteira ou manta e dela todos comiam segundo a ordem hierárquica da família. O local da refei-

ção seria o pátio, onde muitas vezes também se cozinhava em fogareiro (fig. 11). Mesmo nos meios mais pobres, como a casa serrana, utilizava-se provavelmente uma colher talhada em madeira. Para beber não havia recipientes individuais. Uma bilha de pitorro ou biqueira circulava de mão em mão.

Finalmente, colocados em pequenos nichos de parede e sempre prontos a ser levados para qualquer recanto mais escuro, brilhavam à noite um ou dois candis de azeite com o seu longo bico característico e que sempre aparecem em qualquer assentamento humano dessa época (fig. 12).

Quanto ao mobiliário, este diferia profundamente do rural, tanto na quantidade como na qualidade. O aspecto geral da casa é também outro devido ao cuidado com os revestimentos de um solo bem cuidado, ao rez do qual a vida se processa e que, finalmente, é o espelho da mulher. As paredes, interiores e exteriores são todas caiadas e por vezes com alguma decoração pintada nos lambris e rodapés. As cortinas em tecidos finos e coloridos, separam a sala das alcovas onde um leito assente em pequenos arcos de alvenaria permite um novo conforto. As louças e artefactos domésticos atingem no al Andalus, nomeadamente durante o séc. XII, uma enorme variedade funcional e decorativa que marca durante vários séculos toda a produção artesanal do Ocidente mediterrânico.

Figura 9

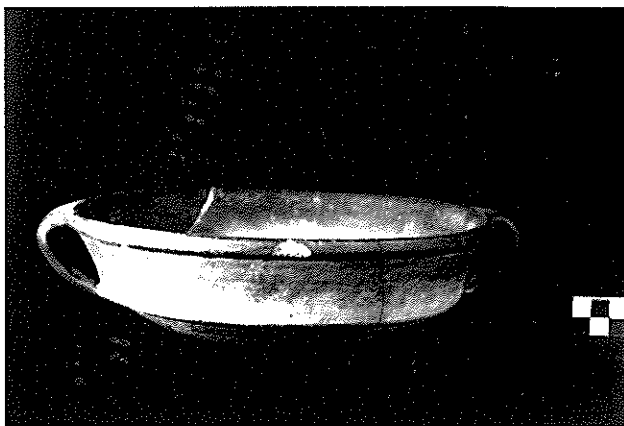


Figura 11



Figura 10

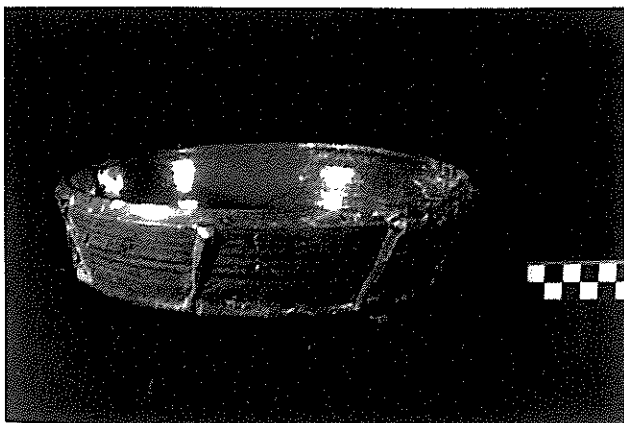
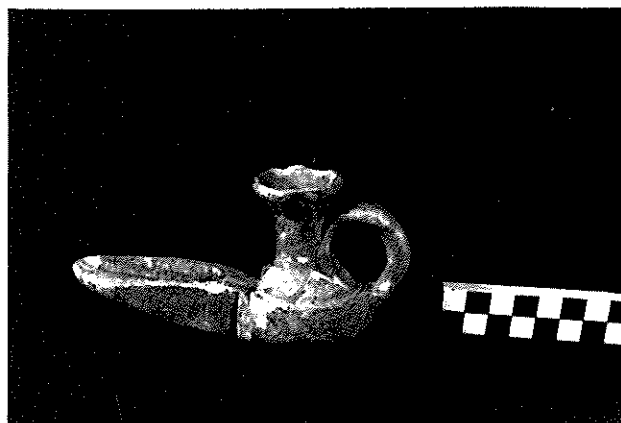


Figura 12



4. A CASA RURAL

Ao contrário da casa urbana, acentua-se na casa rural uma certa mobilidade, onde também é mais complexa a polivalência dos seus espaços e compartimentos. A habitação rural do interior da Serra Algarvia, como certamente qualquer outro assentamento arcaico do interior meridional, é constituída por vários módulos pluri-celulares que, de uma forma geral, tendem a ordenar-se em volta de um espaço grosseiramente rectangular, envolvendo-o por dois ou três dos seus lados. A porta de entrada liga directamente a rua com o pátio-cerca e os compartimentos oblongos que o rodeiam parcialmente, abrem para este através de um único vão. O facto das escavações em curso no povoado abandonado de Alcaria Longa, no termo de Mértola, terem mostrado, em vários compartimentos da mesma casa, restos de lareira, comprova a múltipla utilização dos módulos habitacionais (fig. 13).

Temos assim nas zonas de interior, ou mais acidentadas e de difícil acesso, uma casa rural extremamente conservadora, pois a sua tipologia parece emergir de tempos pré-romanos, com prolongamentos pertinazes até á actualidade. É uma casa com paralelos no Oriente (*Shark*) do al Andalus, nas serras de Toledo e nas zonas de povoamento berbere do Magrebe (cf. Bazzana, 1990: 247; Cressier, 1990: 229; Izquierdo, 1990: 147-162)

O povoado abandonado de Alcaria Longa, no concelho de Mértola é um dos poucos exemplos conhecidos em território português, de assentamento de uma comunidade arcaica agro pastoril, que deixa de ser habitado comprovadamente na segunda metade do séc. XI. Neste tipo

de comunidade familiar, fortemente patrilinear e certamente com hábitos endogâmicos a mulher, além do controlo estrito sobre a casa, local tradicional de exercício do seu poder, interfere também de certa forma no espaço público exterior. Além de compartilhadas ou mesmo exclusivas responsabilidades agrícolas nas pequenas hortas e cultivos familiares, assume sazonalmente um papel de maior relevo durante os meses de transumância em que os homens partem com o gado. É uma mulher habituada aos trabalhos mais rudes e que, quando viúva, assume plenamente a direcção da casa.

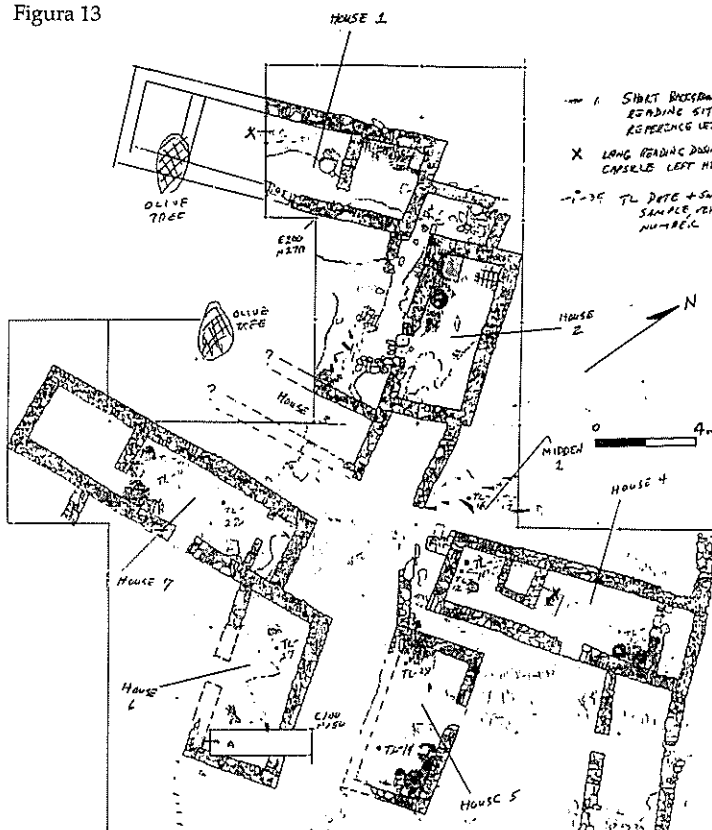
Esta habitação, com as suas múltiplas dependências à volta do cercado, é uma pequena mas poderosa máquina de produção que contribui de forma considerável para a economia familiar.

O outro sub grupo do modelo rural será representado por uma família, talvez mais pequena que a anterior, e que se dedica exclusivamente ao amanho da terra em zonas periféricas da cidade. Habita em pequenos povoados de meia dúzia de casas instaladas a maior parte das vezes sobre as ruínas de uma antiga *villa* romana, facto aliás muito comum no Alentejo e no barrocal algarvio. As boas terras de cultivo que rodeiam o povoado e que justificaram a implantação da antiga *villa*, pertencem, certamente, a algum rico e abastado comerciante que vive na cidade e que manteria os homens do aldeamento como seus assalariados. A sistemática e apressada busca dos níveis arqueológicos de época romana, fez com que este tipo de assentamento rural seja hoje ainda quase desconhecido. Sabe-se da sua existência pelo facto de quase todas as *villae* romanas escavadas, apresentarem os seus pavimentos perfurados de silos para armazenamento de cereais, ou fossas de esgoto, sempre associados a restos materiais de época islâmica.

A proximidade dos mercados urbanos nota-se principalmente numa maior variedade de artefactos, se a compararmos com a extrema austeridade e auto-suficiência da casa serrana, onde é comum que as poucas moedas exumadas tenham tido apenas funções decorativas ou simbólicas. No entanto, mesmo nestes últimos povoados aparentemente afastados de qualquer contacto com a cidade, há sempre uma percentagem, embora pequena, de artefactos veiculados pelos circuitos comerciais. No caso de Alcaria Longa, as peças importadas são quase exclusivamente as conhecidas tigelas vidradas côr de mel com traços vigorosos de manganês que se encontram nos níveis de época califal e taifas e por todo o território do al Andalus (Boone, 1992) (fig. 14).

Nestes dois tipos de casa camponesa – a periurbana e a serrana – o seu mobiliário, quase exclusivo, é constituído por dezenas de potes e talhas de todos os tamanhos encostados às paredes ou então, os mais pequenos, certamente pendurados dos barrotes do telhado ou de vários paus que saem das paredes, aproveitando os orifícios deixados pelas agulhas dos taipais (fig. 15). Lá eram conservadas as gorduras e manteigas, fora do alcance dos roedores, assim como o figo, a ameixa e a uva passa. Em potes maiores, guardavam-se a azeitona, o grão de bico, a fava e vários tipos de farinha. Em grandes talhas era armazenado o

Figura 13



azeite, o vinagre, o mel e principalmente a água, mantida fresca nas peças mais decoradas expostas em lugar de destaque (fig 16). No chão da cozinha, de terra batida, apenas haveria espaço para uma pequena molineta, para um ou dois alguidares e, naturalmente para a lareira. O fogo ardia sobre alguns tijolos em assentamento irregular ou numa pequena fossa argamassada, também utilizada para cozer o pão-de-cinza muito consumido, mesmo na cidade, pelas camadas mais pobres (Garcia Sanchez, 1981: 150).

Figuras 14 e 15

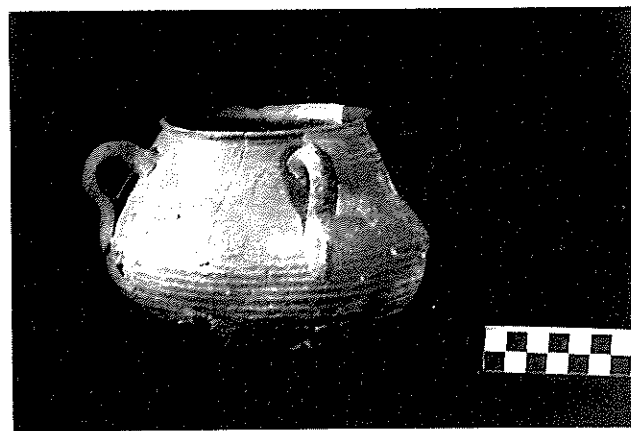
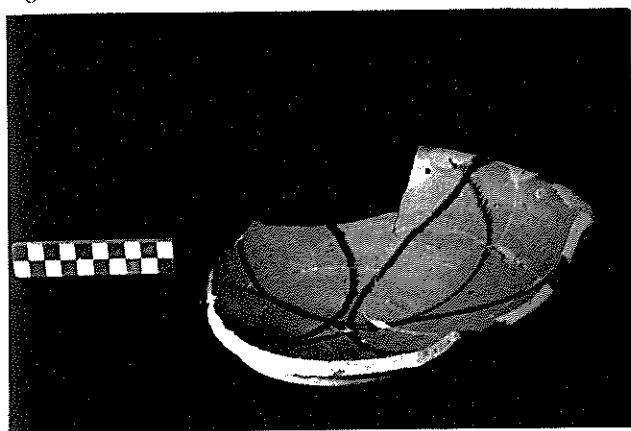
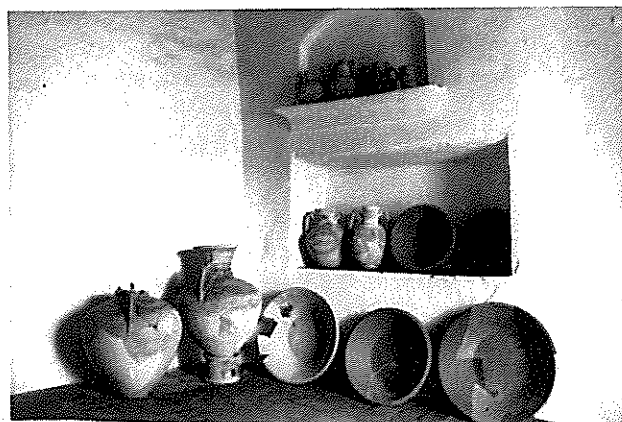


Figura 16



É pouco provável no mundo rural, e excepcional na cidade, a existência de qualquer móvel de madeira, seja armário, mesa ou cadeira. Todos os objectos de trabalho estão pousados no chão onde são manipulados pelas mulheres sentadas sobre os calcanhares ou em simples esteiras de palmito. Há por vezes banquetas ou poiais de alvenaria, embora sejam mais comuns no pátio e mesmo no exterior da casa, junto da porta de entrada.

Para dormir, embora seja de admitir alguma mobilidade, que incluía certamente o pátio como local preferido de Verão, na casa urbana e peri-urbana, haveria alguns locais fixos nos topos dos compartimentos oblongos. Sem qualquer indício arqueológico no caso de Alcaria Longa, é provável que na casa serrana uma pele de carneiro ou uma manta de lã azeitada, como era até há pouco tradição, marcasse o local da alcova.

Podemos concluir que o sistema habitacional do Garb al Andalus pode ser ordenado em dois grandes grupos que, directa ou indirectamente, se relacionam ora com o mundo urbano ora com o mundo rural. Se este último, dado o seu natural conservadorismo, pode ser confrontado com estruturas habitacionais ainda hoje existentes em algumas áreas serranas do sul de Portugal, a antiga casa urbana de tradição mediterrânica, parece ter desaparecido das nossas cidades, pelo menos na sua forma condensada de pátio central. A quase completa mutação populacional provocada pela «Reconquista» nos centros históricos das cidades, trouxe, com certeza pesadas consequências estruturais às formas de habitar. A introdução generalizada de uma família nuclear desenraizada das suas comunidades de origem, não deve ser alheia à reutilização e completa remodelação de espaços onde antes habitavam famílias de estrutura alargada de forte pendôr clânico e certamente de pesadas sobrevivências endogâmicas. As obras de adaptação urbana, introduzidas pelos conquistadores, quebraram naturalmente antigas funcionalidades que lhes eram desconhecidas e criaram uma outra dinâmica no relacionamento entre o público e o privado nos acessos às casas e às ruas.

BIBLIOGRAFIA

- BAZZANA, André, 1990, *Maisons rurales du Shark al-Andalus: essai de typologie* in «La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueologia», Granada, Patronato de la Alhambra, pp. 247-267
- BOONE, James, 1992, *The first two seasons of excavation at Alcaria Longa: a caliphal-taifal period rural settlement in the Lower Alentejo of Portugal* in «Arqueologia Medieval», nº1, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola/Edições Afrontamento, pp. 51-64
- CASTILLO GALDEANO Francisco et al, 1990, *La vivienda hispanomusulmana en Bayyana-Pechina (Almeria)* in «La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueologia», Granada, Patronato de la Alhambra, 1990, pp. 111-127
- CRESSIER, Patrice et al., *Quelques données sur la maison rurale nasride et morisque en Andalousie Orientale: le cas de Shanash/Senes et celui de Macael Viejo (Almeria)* in «La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueologia», Granada, Patronato de la Alhambra, 1990, pp. 229-245

- FENTRESS, Elizabeth et al., 1990, *Setif: évolution d' un quartier* in «La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueología», Granada, Patronato de la Alhambra, pp. 163-176
- GARCIA GOMEZ, Emilio et al., 1981, *Sevilla a comienzos del siglo XII – el tratado de Ibn Abdun*, Sevilla, Servicio Municipal de Publicaciones
- GARCIA SÁNCHEZ, Expiracion, 1981, *La alimentacion en la Andalucía islamica. Estudio historico y bromatologico* in «Andalucía Islamica», II-III, Granada, 1981-1982, pp. 139-177
- GONZÁLEZ JIMENEZ, Manuel, 1990, *Repartimientos andaluces del siglo XIII. Perspectivas de conjunto y problemas* in «De Andalus a la sociedad feudal: los repartimientos bajomedievales», Barcelona, C. S. I. C., pp. 95-117
- IZQUIERDO, Ricardo, 1990, *La vivienda en la ciudad hispano-musulmana de Vascos (Toledo). Estudio arqueológico* in «La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueología», Granada, Patronato de la Alhambra, pp. 147-162
- NAVARRO PALAZON, Julio, 1990, *La casa andalusí en Siyasa: ensayo para una clasificacion tipológica* in «La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueología», Granada, Patronato de la Alhambra, pp. 177-198.
- OLIVEIRA, José Augusto de, *A conquista de Lisboa aos mouros*, Lisboa, Câmara Municipal, 1936.
- PASCUAL, J. et al., 1990, *La vivienda islamica en la ciudad de Valencia. Una aproximacion de conjunto* in «La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueología», Granada, Patronato de la Alhambra, pp. 305-318
- PAZ FERNANDEZ, Maria, 1987, *Datos sobre la ciudad de Jerez en el Libro de Repartimiento* in «Al-Qantara», Vol. VIII, fasc, 1/2, pp. 119-133